

# Brasília já sofre com cortes

Economia nos órgãos da União atinge setores de vigilância e limpeza, com centenas de demissões

Os cortes determinados pelo Governo Federal para combater o déficit público já estão causando demissões e pânico no Distrito Federal. Os primeiros setores atingidos nessas últimas semanas foram empresas de serviços de vigilância e limpeza e conservação, com cerca de 350 empregados demitidos.

As agências de viagem, por sua vez, tiveram cancelamento de viagens programadas pelos diversos órgãos da União, e cogitam demissões se mantido o quadro. As empresas acusam ainda a inadimplência governamental em relação a serviços já prestados.

## Redução

Os sindicalistas de empresas

e empregados dos segmentos de vigilância e limpeza afirmam que há meses já vinham sofrendo com a diminuição de demanda por parte do Governo, apesar da anunciada disposição deste em terceirizar serviços. "Agora, a norma é taxativa para diminuir o número de vigilantes", diz o vice-presidente do sindicato dos vigilantes, Inácio do Nascimento, cujas informações são ratificadas pelo pessoal lotado no Ministério da Educação (MEC) e no Ministério da Fazenda.

"Aqui dispensaram 32 vigilantes", disse uma guardete da Fazenda, que não quis se identificar. Os dados são similares aos fornecidos pelo pessoal de segurança do MEC — o ministério com o quinto maior montante a

ser enxugado, R\$ 209,352 milhões. "Só estou aqui porque o órgão me quis. Das 30 guardetes, só ficaram 12", revelou uma funcionária da segurança.

Apesar de os cortes públicos não significarem necessariamente as demissões por parte de empresas, algumas já enxugaram o quadro. O Sindicato dos Empregados de Empresas de Asseio e Conservação contabiliza cerca de 200 demissões desde o início de setembro. "Estão demitindo pessoas com 10, 12, 16 anos de casa", afirmou João Correia de Araújo, presidente do sindicato.

## Inadimplência

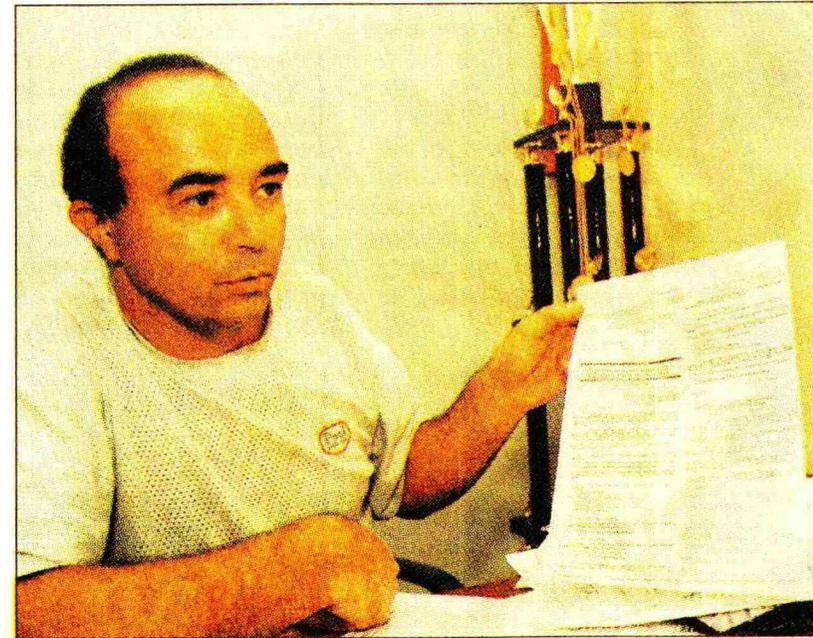
De acordo com o vice-presidente do Sindicato das Empresas de Segurança,

Marcelo Borges, as demissões são inevitáveis, inclusive pelo não pagamento de serviços já prestados. "A minha empresa deixou de receber por serviços prestados à Polícia Rodoviária Federal. É um absurdo, uma maneira de querer regularizar a situação do Governo de forma ilegal", reclamou Borges.

As agências de viagens, além de terem uma redução de 30% em média na demanda, também foram atingidas pela inadimplência. "Há atrasos no pagamento. Se o quadro continuar, vamos demitir, o que ainda não fizemos", afirmou o presidente do sindicato da categoria, Ariel Alvim.

**RODRIGO LEDO**

Repórter do Jornal de Brasília



Sebastião Pedro

**NACIMENTO, do Sincicato dos Vigilantes: "Ordem é taxativa"**

**Limpeza e Conservação**  
 Nº de empresas: 210  
 Trabalhadores: 38 mil

Os órgãos públicos, principalmente ministérios, já estão cortando a prestação de serviços de limpeza. Segundo o sindicato das empresas, é o segmento mais prejudicado pelos cortes, com 92% de seus contratos voltados para o setor público. Até agora, foram demitidos cerca de 200 funcionários (dados do sindicato dos trabalhadores). Reclamam do enxugamento cada vez maior.

**Vigilância e Transporte de Valores**  
 Nº de empresas: 56  
 Trabalhadores: 12 mil

Juntamente com o setor de limpeza, foi o primeiro a sentir os cortes. Até agora, órgãos como Banco do Brasil e CEF já diminuíram o quadro de vigilantes. As empresas, por sua vez, dispensaram desde setembro perto de 150 pessoas, e fizeram ontem um evento nacional para reagir aos cortes. O problema não é só em Brasília. Reclamam do bloqueio de pagamentos de serviços já prestados.

**Locação de automóveis**  
 Nº de empresas: 90  
 Trabalhadores: 1,200 mil

Empresas esperam sofrer em breve a diminuição de locações por parte do Governo. Além de adiarem a necessária renovação da frota, em virtude do quadro de insegurança, poderão demitir para adequar custos à baixa demanda do mercado. "Eles vão mexer com todos os prestadores de serviços. A locação para o Governo deve representar hoje 20% do mercado de Brasília", diz o diretor regional da Associação Brasileira de Locadoras, Álvaro Júnior.

**Turismo/Agências de viagens**  
 Nº de empresas: 327  
 Trabalhadores: 2,300 mil

Várias passagens e pacotes pedidos por entidades governamentais foram cancelados. "Já deu para sentir uma redução. Os dados são flutuantes, mas na média a queda na demanda é de 30%", diz Ariel Alvim, presidente do sindicato da categoria. Segundo ele, se a situação perdurar vai haver demissões. A Associação Brasileira de Agentes de Viagens têm organizado reuniões com as empresas para discutir o que fazer.

**Indústrias gráficas**  
 Nº de empresas: 183  
 Trabalhadores: 2 mil

Apesar de dependerem da demanda do Governo, ainda estão tranquilos. De acordo com o presidente do sindicato, Henrique Verano, as indústrias gráficas obtêm grande parte da receita de encomendas básicas: material didático e instrutivo. "Achamos muito difícil haver cortes no material educativo. Se houver, vai ser pouco", diz Verano, afastando a possibilidade de demissões no setor.

**Confecções e Vestuário**  
 Nº de empresas: 300  
 Trabalhadores: 2,500 mil

A presidente do sindicato, Walquíria Aires, acredita que o setor logo será afetado. "Empresas de limpeza e vigilância sentiram primeiro. Os próximos somos nós, porque, por exemplo, fazemos os uniformes deles", diz. Ela ressaltou a imaturidade do setor em Brasília. "Vai levar mais tempo para deslanchar. Não poderemos investir em tecnologia para produzir em escala e melhorar nossos preços".

## Empresários querem negociar

Se antes as sucessivas deflações mensais já causavam medo em empresários, agora os cortes governamentais e conseqüentes demissões provocam o pânico de uma recessão generalizada.

Segmentos como o de locação de automóveis, ainda incólumes, acreditam que serão atingidos em breve e prometem demitir para adequar as contas ao mercado recessivo.

Apesar de prestar serviços ao Governo, as locadoras de carros ainda não tiveram contratos suspensos ou enxugados. "O setor público deve representar hoje 20% do mercado de Brasília. temos contratos principalmente com autarquias", afirma Álvaro da Silveira Júnior, proprietário da Avis.

Os cortes públicos acabarão afetando o mercado brasileiro de forma geral. Como exemplo, as próprias locadoras, que decidiram não renovar suas frotas para o ano que vem — fator de desaquecimento para o importante setor de automóveis. Os empresários defendem, em vez de simplesmente cortar, a negociação com setores. "Eles deveriam chamar as categorias e ouvir sugestões", reclamou Manoel Barbosa, dono da Coronário Turismo.(R.L.)